

EXPERIÊNCIA COM NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA (AUTO)FORMAÇÃO PARA A PESQUISA DE LICENCIANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ABREU, Samara Moura Barreto de^{1,2*}; NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria^{2**}; SILVA, Silvína Pimentel^{2***}

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

²Universidade Estadual do Ceará

samaraef@hotmail.com*

silnth@terra.com.br**

silvinapimentel@yahoo.com.br***

RESUMO

Este estudo objetiva compreender as narrativas autobiográficas como dispositivos na (auto)formação para a pesquisa de licenciandos em Educação Física. Investe-se no método (auto)biográfico centrado em fontes das histórias de formação, no campo da pesquisa de abordagem qualitativa, na experiência de uma pesquisa-formação. Seis discentes de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *campus* de Canindé, foram os sujeitos da investigação. Ante os dilemas formativos apresentados,

os sujeitos conviveram entre si, empoderados dos conhecimentos epistemológicos, técnicos, afetivos e dialogais, desvelados na relação da “ensinagem” para a pesquisa mediante as narrativas autobiográficas. Conforme a experiência vivida, reafirma-se que as narrativas autobiográficas possibilitam um melhor entendimento dos processos formativos pelos sujeitos, colocando-os em lugar de protagonistas, exprimindo uma autonomização e responsabilização sobre suas aprendizagens.

PALAVRAS-CHAVE: Formação para a pesquisa. Educação Física. Narrativas. Autobiografia.

EXPERIENCES WITH AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES IN (AUTO)FORMATION FOR UNDERGRADUATE RESEARCH IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This study aims to understand the autobiographical narratives as devices in the (self)formation for the research of licenciandos in Physical Education. It is invested in the (auto)biographical method centered in sources of the histories of formation, in the field of the research of qualitative approach, in the experience of a research-formation. Six students of Physical Education of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará, Canindé campus, were the subjects of this investigation.

Faced with the formative dilemmas presented, they lived among themselves, empowered by epistemological, technical, affective and dialogical knowledge, unveiled in the relationship of “teaching” to research through autobiographical narratives. According to the experience, it is reaffirmed that the autobiographical narratives allow a better understanding of the formative processes by the subjects, placing them instead of protagonists, expressing an autonomization and accountability about their learning.

KEYWORDS: Formation for research. Physical Education. Narratives. Autobiography.

EXPERIENCIA CON NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS EN (AUTO)FORMACIÓN PARA LA INVESTIGACIÓN DE LICENCIANDOS EN EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Este estudio objetiva comprender las narrativas autobiográficas como dispositivos en la (auto)formación para la investigación de licenciandos en Educación Física. Se invierte en el método (auto)biográfico centrado en fuentes de la historia de formación, en el campo de la investigación de abordaje cualitativo, en la experiencia de una investigación-formación. Seis discentes de Educación Física del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Ceará, *campus* de Canindé, fueron los sujetos de esta investigación. Ante los dilemas formativos

presentados, los sujetos convivieron entre sí, empoderados de los conocimientos epistemológicos, técnicos, afectivos y dialogales, desvelados en la relación de la “enseñanza” para la investigación mediante las narrativas autobiográficas. Conforme la experiencia vivida, se reafirma que las narrativas autobiográficas posibilitan un mejor entendimiento de los procesos formativos por los sujetos, colocándolos como protagonistas, expresando una autonomización y responsabilización sobre sus aprendizajes.

PALABRAS CLAVE: Formación para la investigación. Educación Física. Narrativas. Autobiografía.

1 INTRODUÇÃO

Ainda se reverbera, neste século XXI, em grande parte de instituições formadoras, o pensamento sobre a Educação Física virtualizado a uma prática hegemônica eminentemente técnica, limitando os espaços de formação reflexiva nos diversos cenários educativos, incluindo o ensino superior. Nesse sentido, avistamos a confluência de diversos tipos de racionalidades sobre o domínio epistêmico da área, sobremaneira a racionalidade técnica (ALVES; CARVALHO, 2015). Como desafio, ainda operamos na perspectiva de uma “intelectualização” que caminhe sobre uma prática epistemológica contextualizada com a realidade sócio-histórica e sistematizada pela ação didático-pedagógica que aponte para uma emancipação dos atores sociais (no caso, docente e discentes).

A virada epistemológica na década de 1980, como movimento das Ciências Sociais e Humanas, alude ao movimento de (re)colocação dos professores na centralidade dos debates educativos e dos eixos temáticos de investigação com o movimento das “histórias de vida”, “autobiografias” e “biografias educativas”. O alargamento pelas décadas de 1990 até chegar aos dias atuais (2017), em torno de pensar a história de vida e formação docente por meio de narrativas autobiográficas como sujeito-autor de sua práxis humana e entendendo-a como construto histórico-social, faz-nos considerar que conhecer o sujeito dessa ação é também (re)conhecer o mundo/sociedade a que ele pertence. Para além de conhecer o mundo/sociedade a que o sujeito pertence, torna-se importante percebê-lo nele inserido como sujeito histórico (FERRAROTTI, 1988).

As narrativas autobiográficas inscrevem-se nesse movimento perceptivo, que permitem a apreensão peculiar dos processos de formação, bem como a compreensão de seus elementos formadores. “São elementos provenientes do pensamento reflexivo do próprio sujeito que os expressa pela tomada de consciência individual e coletiva, sendo, portanto, considerado um processo de (auto)formação” (NÓVOA; FINGER, 2014, p. 23) e reflexividade (SCHÖN, 1992).

Nessa interface, depreendemos que as narrativas autobiográficas podem constituir-se como dispositivos pedagógicos, entendendo-os como “[...] qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações

que o sujeito estabelece consigo mesmo” (LARROSA, 2002, p. 57), com inclinação para a percepção do professor como sujeito crítico-reflexivo.

Ao buscarmos propositivas que (re)orientem a formação para a pesquisa na Educação Física (EF), a partir de autonomização dos processos formativos, projetada nos dilemas permeados nos cursos de licenciatura em Educação Física em todo o Brasil (DUCA et al., 2011), notadamente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Canindé, estávamos indo de encontro também à subjetivação e, portanto, do conhecimento de si e do outro na condição de sujeitos em formação.

Desse modo, encontramos nas narrativas autobiográficas a fortaleza de constituírem-se como dispositivos na formação para a pesquisa na EF, uma vez que ela permite a tomada de consciência com base na (meta)reflexão, “na e sobre a ação” (SCHÖN, 1992), podendo produzir processos emancipatórios gestados pela autoconsciência e autoconhecimento (SOUZA, 2006) de discentes e docentes no ensino superior, na perspectiva de estreitar a relação pesquisa e ensino.

Partindo desse pensamento, elencamos como âncora teórico-metodológica os estudos de Ferrarotti (1988, 2014), Josso (2004), Nóvoa (1992, 2014), Pineau (1988) e Souza (2006), articulados ao conceito de dispositivo pedagógico de Larrosa (2002), para compreendermos como as narrativas autobiográficas se revelam (auto)formadoras para a pesquisa cujo entendimento é feito sobre o lugar de transformação da experiência de si e sobre o lugar da aprendizagem ou das modificações relacionais do sujeito consigo mesmo.

A escolha desses pressupostos teórico-metodológicos é justificada pela limitação de estudos que evidenciam a contextualidade das narrativas autobiográficas na interface da formação de professores, sobretudo na perspectiva da autoformação, conforme trabalho do “tipo estado da arte” realizado por Bueno et al. (2006), cuja constatação foi feita sobre a rarefação de estudos que versam sobre o método autobiográfico/história de vida na concepção da pesquisa-formação estreitada à docência.

Nesse sentido, desenvolvemos um estudo de campo na perspectiva da pesquisa-formação, por meio da constituição do Curso Con-vivências, com alunos do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física (CLEF) do IFCE/Canindé, em que o objetivo maior foi compreender as narrativas autobiográficas como dispositivos pedagógicos na formação para a pesquisa de licenciandos em EF.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

A realidade espelhada no CLEF do IFCE (também), quanto à formação para a pesquisa em EF refletida sobre as dificuldades na elaboração da monografia, convidava-nos a pensar numa experiência que pudesse ser (auto)formadora e que buscasse amparar os dilemas referentes à formação para a pesquisa articulada a uma relação de ensinagem.

Com essa intencionalidade, elegemos o método (auto)biográfico para realização do nosso estudo – estreitado à pesquisa-formação –, com base nas histórias de formação. A investigação se insere no campo da pesquisa de abordagem qualitativa e paradigma interpretativo. Conforme aponta Ferrarotti (2014), o método (auto)biográfico conduz o pesquisador a reconhecer um saber construído coletivamente, nas relações intersubjetivas entre os sujeitos. Dessa forma, constitui-se como um saber situado, inserido e incorporado (FERRAROTTI, 2014).

Na pesquisa-formação, “[...] cada etapa da pesquisa é uma experiência a ser elaborada para quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (JOSSO, 2004, p. 141). Além disso, ela “[...] revela um interesse biográfico que se aproxima da formação do ponto de vista do sujeito aprendente, ou seja, como metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação” (JOSSO, 2004, p. 15).

Constituíram-se sujeitos-atores da investigação seis alunos do CLEF do IFCE inseridos na itinerância do trabalho monográfico, participantes do Curso de Extensão Con-vivências na Formação Inicial para a Pesquisa, instituído como lócus desta pesquisa-formação. Vale ressaltar que na lógica qualitativa a representação numérica de participantes não se torna elemento-chave para a realização da pesquisa, já que se busca a apreensão aprofundada da realidade, com análise interpretativa das falas e ações dos envolvidos, e não somente a quantificação estatística de dados.

Os critérios de inclusão foram: a) alunos(as) que cursaram “Trabalho de Conclusão de Curso I” (TCC I) e “Trabalho de Conclusão de Curso II” (TCC II) nos semestres 2014.1 e 2014.2, respectivamente, cuja temporalidade foi equivalente ao período de agosto de 2014 a abril de 2015, destinado ao Curso de Extensão Con-vivências; b) participação exitosa no Curso de Extensão Con-vivências na Formação Inicial para a Pesquisa, ciclos I e II, com 75% de

aproveitamento nas atividades *on-line* e 80% nas atividades presenciais; c) frequência de 100% na participação dos Grupos Reflexivos; d) assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Cessão, como procedimentos éticos da pesquisa, ancorados sobre a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. A caracterização dos sujeitos-atores é descrita na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos-atores

Sujeito-ator	Idade	Sexo	Naturalidade	Tipo de instituição / Educação infantil	Tipo de instituição / Educação fundamental	Tipo de instituição / Ensino médio
Sujeito 01	26	Feminino	Fortaleza-CE	Pública	Pública	Pública
Sujeito 02	23	Feminino	Canindé-CE	Não formal	Pública	Pública
Sujeito 03	20	Feminino	Canindé-CE	Privada	Particular	Particular (1ª e 2ª séries); Pública (3ª série)
Sujeito 04	21	Feminino	Fortaleza-CE	Privada	Particular	Particular
Sujeito 05	20	Masculino	Nova Russas-CE	Privada	Particular	Particular
Sujeito 06	22	Masculino	Canindé-CE	Privada	Pública	Pública

Fonte: Elaboração própria (2017).

Nesse sentido, na contextualidade do Curso Con-vivências, demos vozes aos sujeitos-atores a partir das narrativas autobiográficas, para que pudéssemos extrair um olhar diante das relações, dos dilemas, dos processos reflexivos, dos diálogos e dos silêncios que contemplam esse processo de apreender a pesquisa e se colocar diante do ser professor pesquisador em formação, ressaltando que “[...] a importância da reflexividade do sujeito, atuante na sua expressão e, ao mesmo tempo, na interação intersubjetiva, contribui cientificamente para conferir a esse sujeito um estatuto ativo de pesquisador” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 125).

A partir desses seis sujeitos-atores, apreendemos a realidade investigada e conduzimos a percepção e discussão sobre a formação para a pesquisa em EF no contexto de formação de licenciandos no itinerário da monografia. Essa contemplação foi proveniente das atividades desenvolvidas no Curso de Extensão Con-vivências, na modalidade semipresencial, as quais permearam: a construção das narrativas autobiográficas como despertamento para o movimento de autoformação, constituindo-se como *corpus* de nossa análise.

As narrativas autobiográficas foram produzidas sobre a participação nas atividades dialogadas estreitadas ao curso (fóruns, tira-dúvidas) e grupos reflexivos como espaço colaborativo e como palco de reflexão dos dilemas e aprendizagens apresentados em torno da experiência

vivida. Nesse espaço da pesquisa-formação, que teve duração de oito meses, apreendemos o *corpus* de nossa análise, ancorada pela dialogicidade produzida pelo Curso Con-vivências em torno das narrativas autobiográficas.

Após apreensão do *corpus*, utilizamos a análise interpretativa compreensiva (RICOEUR, 1996), a qual nos coloca diante da percepção das singularidades dos diálogos dos seis alunos no processo de pensarem os seus trabalhos assentados na experiência da narrativa de si (SOUZA, 2006). Tomamos como elemento de triangulação desse entendimento e análise a relação entre o objeto de estudo, seus objetivos e a perspectiva da pesquisa-formação.

Caminhamos por essa estrada no intuito de desvelamento das ocorrências e inoportunidades expressas no conjunto de narrativas, tomando a figuração da “leitura em três tempos” utilizada por Souza (2006), por considerar o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido. Dessa forma, a interpretação aconteceu desde o momento inicial da investigação-formação – tanto para as pesquisadoras quanto para os sujeitos envolvidos no projeto de formação –, a qual se organizou a partir dos seguintes tempos: a) Tempo I: pré-análise/leitura cruzada; b) Tempo II: leitura temática – unidades de análise descritivas; e c) Tempo III: leitura interpretativo-compreensiva do *corpus*.

Ao expor o nosso tipo de pesquisa, abordagem e paradigma, pensamos ter embarcado em uma aventura biográfica, cujos caminhos nos levaram a novas aprendizagens, deixando-nos, portanto, com o sentimento de desvelamento de uma experiência formadora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ancoradas ao conceito de dispositivo pedagógico (LARROSA, 2002), apreendemos as narrativas autobiográficas produzidas na realidade do Curso Con-vivências, buscando dar visibilidade ao movimento de (trans)formação a partir da experiência vivida, cuja tônica se coloca numa dimensão retrospectiva e também prospectiva na relação identitária dos sujeitos-atores. Damos atenção, portanto, às subjetividades das relações entre o vivido e o narrado como expressão do conhecimento e transformação de si, a partir da experiência com as narrativas autobiográficas na realidade do Curso Con-vivências. Nesse sentido, vislumbramos que:

La narrativa no sólo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad. Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento. (BOLÍVAR, 2002, p. 6).

Desvelamos que o ato de escrever/narrar mobiliza o sujeito-ator a “[...] viver sua singularidade, a partir do investimento em sua interioridade e no conhecimento de si, através dos questionamentos sobre suas identidades” (SOUZA, 2006, p. 296). Da mesma forma, fomentamos que “[...] a conscientização é exigência humana, é caminho para pôr em prática a curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996, p. 31).

Essa experiência nos possibilitou ter um autoconhecimento. Quem sou eu? O que eu quero? Para onde eu vou? O que eu busco com esse trabalho? Quem sou eu agora? Que transformações ocorreram? Quem sou eu agora, durante todo esse processo de formação? [...]. (Sujeito 2).

As narrativas autobiográficas eram essenciais, em um período onde fiquei sobrecarregado e fechado para muitas coisas externas. Com elas colocamos para fora nossos sentimentos e como estava nossa construção. Olhar para mim. Assim foi um movimento de superação, tanto na etapa da pesquisa [fazer] como na etapa do ser pesquisador. (Sujeito 3).

Para além do conhecimento de si, o conhecimento do outro, posto numa condição de intersubjetividade por meio das narrativas autobiográficas, conduziu à permissividade de uma nudez intra e interpessoal num dado processo de humanização e acolhimento:

No início, eu era muito emotiva, me deixava levar pela emoção. Medo de escrever, medo de me colocar à vista. Ter um pouco de autonomia, inclusive em falar. Aos poucos, a sensação de não estar só; a percepção de que não era só você vivendo um processo formativo; a construção do olhar do outro sobre o seu e do seu a partir do outro. Ao final, a gente se via no nosso texto e no texto do outro. (Sujeito 1).

Todos se colocaram, tiraram-se tudo [despimos]. Nós colocamos nos diários e relatos aquilo que estávamos sentindo. Nós não revelamos o que sentimos para todo mundo. Foi maravilhoso. Muito bacana. Nós pudemos conhecer melhor os sujeitos. Conhecer melhor todas as pessoas. Falando humanamente. Porque, no dia a dia, até convivemos com o outro. Mas, na maioria das vezes, não percebemos como o outro é. Então, a partir das narrativas autobiográficas, nós percebemos como o outro estava se sentindo. Como cada um estava se sentindo na transição daquele processo. (Sujeito 2).

Na interface do espelhamento do conhecimento do outro, também vai se constituindo a reflexividade crítica numa perspectiva de simetria invertida:

A gente se torna mais crítica. A partir de perguntas que lançamos a nós mesmos. De estarmos debatendo temas de outros colegas. Autonomia de me colocar no objeto do outro. Você consegue saber corrigir e até se acha orientador. Todo esse processo de construção do seu trabalho que te leva à criticidade, pela capacidade de enxergar-se no outro. (Sujeito 1).

Além da experiência do diálogo, o ato de narrar esteve como dispositivo do pensamento reflexivo entoadado pelo processo de autoconhecimento, responsabilização e autonomia. *“Mas o que importa é que, durante todo esse processo, você se autoconhece, percebe seus limites, aprende que dificuldades são postas para serem enfrentadas e que ninguém é tão intelectual que não possa aprender com o outro”* (Sujeito 3).

Além disso, também despertaram para um olhar prospectivo sobre os projetos de vida, projetando-se na perspectiva do desenvolvimento profissional em que a pesquisa é ensejada: *“Meu eu-pesquisador não quer parar por aqui, ele grita dentro de mim que quer mais, quer aprender o que ainda lhe falta ensinar. E preciso que nós conheçamos mais além do que sabemos hoje [...]”* (Sujeito 2).

Na mesma interface de um olhar prospectivo sobre as experiências formadoras, aflorou o entendimento de que a “[...] formação é inevitavelmente um trabalho reflexivo sobre os percursos da vida” (NÓVOA, 2014, p. 153). *“Este processo narrativo foi importante. Possibilitou muito a reflexão do momento que estávamos vivenciando, da formação, da formação que virá. Possibilitou saber que temos que ir muito mais além. Nunca parar”* (Sujeito 2). É também a expressão de um processo de inacabamento (FREIRE, 1996).

Percebemos, portanto, uma conformação dialética produzida pelas narrativas autobiográficas, “[...] entre a acção dos outros (heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), e de forma sobreposta, parece existir, ligada a estas últimas e dependente delas, mas à sua maneira, uma terceira força, a do eu (autoformação) [...]” (PINEAU, 1988, p. 65).

Também verificamos que as narrativas dos sujeitos-atores evocaram a compreensão de um saber constituído que tensiona/mobiliza a dimensão pessoal e profissional, (re)conhecendo os limites e os enfrentamentos do ser pesquisador num processo de existência motivacional e espiritual. O sentimento vivo de que “[...] o melhor saber é aquele que sabe superar-se” (DEMO, 2001, p. 16).

Mas o que importa é que, durante todo esse processo, você se autoconhece, percebe seus limites, aprende que dificuldades são postas para serem enfrentadas e que ninguém é tão intelectual que não possa aprender com o outro [...]. O ser pesquisador é isso, não desistir, não desanimar, sempre procurar melhorar em todos os aspectos e principalmente estar sempre motivado, para, ao final de mais uma etapa, dizer um genial trecho de um poema, um dos meus favoritos de Fernando Pessoa: 'Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena'. (Sujeito 3).

O fardo que detive na reta final foi bastante intenso, a ponto de me perguntar se realmente era aquilo que queria para mim; enfim, consegui, detive estímulos que me levaram a nunca desistir diante dos desafios que me eram impostos a cada passo da tessitura do trabalho. O caminho foi árduo, mas espero que o mesmo seja de fundamental importância e referência para os caminhos que serão traçados a partir de agora, caminhos estes que confesso que não foram ainda planejados, mas que irão exercer mudanças em mim, pois a mente que se abre para uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original, como foi descrito por Albert Einstein. (Sujeito 6).

Além disso, também despertaram para um olhar prospectivo sobre os projetos de vida, projetando-se na perspectiva do desenvolvimento profissional em que a pesquisa é ensejada:

É uma grande satisfação quando chegamos na reta final e olhamos para trás e dizemos que valeu a pena ter passado por todo aquele processo, pois eu nunca serei a mesma de quando iniciei esta pesquisa. A vontade de continuar a pesquisa pulsa dentro de mim, pois o ensejo de pesquisar, de estudar, de buscar algo novo é grande e gratificante. (Sujeito 1).

Já me faltam palavras e tenho um certo engasgo, pois agora me dei conta de que está cada vez mais perto do fim e fico a me indagar o que farei quando todo esse ciclo acabar. Meu eu-pesquisador não quer parar por aqui, ele grita dentro de mim que quer mais, quer aprender o que ainda lhe falta ensinar, ele precisa pesquisar, ele precisa ir em frente! Mas por onde começar? Isso eu não sei ainda, só não quero parar, jamais! Quero mais, eu quero descobrir o mundo! E preciso que nós conheçamos mais além do que sabemos hoje. É preciso que nós, professores, sejamos mais do que um professor. Que tenhamos esse instinto para a pesquisa. Um instinto de ser pesquisador. A sala de aula, o dia a dia, o chão da sala de aula possibilita a pesquisa. (Sujeito 2).

(Re)Significamos o conceito de formação articulado ao ser pesquisador, sob o movimento de permanente reflexividade sobre o vivido e pela ideia de inacabamento humano, projetado pelo olhar retrospectivo e prospectivo, pois: “[...] que vale uma experiência que não deixe, atrás de si, uma significação ampliada, uma melhor compreensão de alguma coisa, um plano e um propósito mais claro de ação futura, em suma, uma idéia [sic]?” (DEWEY, 1959, p. 156). Assim, pensamos ter ido ao encontro de uma racionalidade pedagógica substanciada pela intersubjetividade, dialogicidade e afetividade, uma vez que construímos um caminho de maior autonomia diante de uma prática reflexiva a partir das narrativas autobiográficas.

Tais características, despertadas no Curso Con-vivências, confluem para uma experiência formadora, haja vista que incute a apreensão de atitudes, de comportamentos, de pensamentos, do “saber-fazer” e de sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades articuladas conscientemente, elaboradas entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação (JOSSO, 2004).

Fundamentalmente torna-se emergente a abertura de novas relações sobre o tecido dialógico e que nela sejam inscritas novas histórias de formação e pesquisa, estreitadas em especial à Educação Física, sobre a fascinante aventura biográfica, como movimento epistemológico crítico-reflexivo na (auto)formação de professores.

4 NOTAS CONCLUSIVAS

Conforme a experiência vivida, reafirmamos que as narrativas autobiográficas possibilitam um melhor entendimento dos processos formativos pelos sujeitos, colocando-os em lugar de protagonistas, exprimindo uma autonomização e responsabilização sobre suas aprendizagens (JOSSO, 2004), reconhecendo-as como dispositivos pedagógicos na formação para a pesquisa dos licenciandos em Educação Física.

Nesse sentido, concordamos com Souza (2006), visto que as narrativas autobiográficas se inscrevem como processos formativos e de conhecimento, tomando como âncora a experiência engendrada nas marcas do vivido e nas mudanças identitárias dos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento, aqui descritas no itinerário da formação para a pesquisa no contexto da elaboração do trabalho monográfico.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, F. S.; CARVALHO, Y. M. A Educação Física no plano da experiência: implicações na pesquisa e na intervenção profissional e docente. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 1-12, 2015.

BOTÍA, A. B. ¿De nobis ipsis silemus?: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, México, v. 4, n. 1, p. 1-26, 2002.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 13 dez. 2012.

BUENO, B. O. et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1959.

DUCA, G. F. et al. Grupos de pesquisa em cursos de Educação Física com pós-graduação “stricto sensu” no Brasil: análise temporal de 2000 a 2008. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 607-617, 2011.

FERRAROTTI, F. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: UFRN, 2014.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17-34.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. B. Tecnologias do eu e educação. In: TOMAZ, T. (Org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

NÓVOA, A. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 15-34.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2. ed. Natal: UFRN, 2014. p. 157-187.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2. ed. Natal: UFRN, 2014.

PINEAU, G. A autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 65-77.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.

PINEAU, G.; LE GRAND, J.-L. *As histórias de vida*. Natal: UFRN, 2012.

RICOEUR, P. *Teoria da interpretação*. Lisboa: 70, 1996.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-91.

SOUZA, E. C. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador; UNEB, 2006.

Recebido em 10 de janeiro de 2017.

Aceito em 15 de fevereiro de 2017.